



ESCOLA DE GUERRA NAVAL



NÚCLEO DE AVALIAÇÃO  
DA CONJUNTURA

# BOLETIM

---

# GEOCORRENTE

25 de março de 2021

ISSN 2446-7014

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

ANO 7 • Nº 135

## O que falta para a Marinha da China ser capaz de projetar poder globalmente?

ESTE E OUTROS 13 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO



# BOLETIM GECORRENTE

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Ademais, algumas edições contam com a seção “Temas Especiais”.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

## DIRETOR DA EGN

CONTRA-ALMIRANTE PAULO CÉSAR BITTENCOURT FERREIRA

## SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

CONTRA-ALMIRANTE (RM1) MARCIO MAGNO DE FARIAS FRANCO E SILVA

## CONSELHO EDITORIAL

### EDITOR CHEFE

CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) LEONARDO F. DE MATTOS (EGN)

### EDITOR EXECUTIVO

CAPITÃO-TENENTE BRUNO DE SEIXAS CARVALHO (EGN)

### EDITOR CIENTÍFICO

CAPITÃO DE MAR E GUERRA (RM1) FRANCISCO E. ALVES DE ALMEIDA (EGN)

### EDITORES ADJUNTOS

JÉSSICA GERMANO DE LIMA SILVA (EGN)

NOELE DE FREITAS PEIGO (FACAMP)

PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (PUC-RIO)

### DIAGRAMAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

ANA CAROLINA VAZ FARIAS (UFRJ)

BRUNO GONÇALVES (UFRJ)

ISADORA NOVAES DOS SANTOS BOHRER (UFRJ)

### TRADUÇÃO E REVISÃO

RODRIGO OLIVEIRA DUTRA MARCÍLIO (UFRJ)

## NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 400 palavras ao processo avaliativo por pares.

## CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.

Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca - CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil

TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do BOLETIM GECORRENTE, em português e inglês, poderão ser encontrados na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).

## PESQUISADORES DO NÚCLEO DE AVALIAÇÃO DA CONJUNTURA

### ÁFRICA SUBSAARIANA

ARIANE DINALLI FRANCISCO (UNIVERSITÄT OSNABRÜCK)

BRUNO GONÇALVES (UFRJ)

FRANCO NAPOLEÃO A. DE ALENCASTRO GUIMARÃES (PUC-RIO)

ISADORA JACQUES DE JESUS (UFRJ)

JOÃO VICTOR MARQUES CARDOSO (UNIRIO)

VIVIAN DE MATTOS MARCIANO (UERJ)

### AMÉRICA DO SUL

ANA LAURA MARÇAL MONSORES (UFF)

BRUNA SOARES CORRÊA DE SOUZA (UNILASALLE)

CARLOS HENRIQUE FERREIRA DA SILVA JÚNIOR (EGN)

MATHEUS SOUZA GALVES MENDES (EGN)

PEDRO EMILIANO KILSON FERREIRA (UNIV. DE SANTIAGO)

### AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

ANA CAROLINA VAZ FARIAS (UFRJ)

JÉSSICA PIRES BARBOSA BARRETO (EGN)

RAFAEL ESTEVES GOMES (UFRJ)

VICTOR CABRAL RIBEIRO (PUC-RIO)

VICTOR EDUARDO KALIL GASPAR FILHO (EGN)

### ÁRTICO & ANTÁRTICA

ANA CAROLINA FERREIRA LAHR (EGN)

GABRIELE MARINA MOLINA HERNANDEZ (UFF)

PEDRO ALLEMAND MANCEBO SILVA (PUC-RIO)

RAPHAELLA DA SILVA DIAS COSTA (UFRJ)

### EUROPA

MARINA AUTRAN CALDAS BONNY (UFRJ)

MELISSA ROSSI (SUFFOLK UNIVERSITY)

NATHÁLIA SOARES DE LIMA DO VALE (UERJ)

THAÏS ABYGAËLLE DEDEO (UNIVERSITÉ DE PARIS 3)

VICTOR MAGALHÃES LONGO DE CARVALHO MOTTA (UFRJ)

### LESTE ASIÁTICO

JOÃO PEDRO RIBEIRO GRILO CUQUEJO (IBMEC)

LUÍS FILIPE DE SOUZA PORTO (UFRJ)

MARCELLE TORRES ALVES OKUNO (IBMEC)

PHILIPPE ALEXANDRE JUNQUEIRA (UERJ)

RODRIGO ABREU DE BARCELLOS RIBEIRO (UFRJ)

VINÍCIUS GUIMARÃES REIS GONÇALVES (UFRJ)

### ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

ADEL BAKKOUR (UFRJ)

ANA LUIZA COLARES CARNEIRO (UFRJ)

DOMINIQUE MARQUES DE SOUZA (UFRJ)

ISADORA NOVAES DOS SANTOS BOHRER (UFRJ)

PEDRO DA SILVA ALBIT PENEDO (UFRJ)

### RÚSSIA & Ex-URSS

JOSÉ GABRIEL DE MELO PIRES (UFRJ)

LUIZA GOMES GUITARRARI (UFRJ)

PEDRO MENDES MARTINS (ECEME)

PÉRSIO GLÓRIA DE PAULA (UFF)

### SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

MATHEUS BRUNO FERREIRA ALVES PEREIRA (UFRJ)

THAYNÁ FERNANDES ALVES RIBEIRO (UFF)

VINÍCIUS DE ALMEIDA COSTA (EGN)

### SUL DA ÁSIA

IASMIN GABRIELE NASCIMENTO DOS SANTOS (UFRJ)

JOÃO MIGUEL VILLAS-BOAS BARCELLOS (UFRJ)

MARINA SOARES CORRÊA (UFRJ)

REBECA VITÓRIA ALVES LEITE (EGN)

### TEMAS ESPECIAIS

ALESSANDRA DANTAS BRITO (EGN)

# ÍNDICE

<b>AMÉRICA DO SUL</b>		O que falta para a Marinha da China ser capaz de projetar poder globalmente?.....12	
A Colômbia e os novos rumos de sua indústria e poder navais .....	5	<b>SUL DA ÁSIA</b>	
Crise estrutural venezuelana: desdobramentos fronteiriços e enfraquecimento diplomático .....	6	Nova zona militar indiana no Índico: base nas ilhas Agalega..... 13	
<b>AMÉRICA DO NORTE &amp; CENTRAL</b>		<b>SUDESTE ASIÁTICO</b>	
Relações entre Estados Unidos e Cuba: uma nova perspectiva? .....	7	Austrália: programa de submarinos em risco?..... 14	
<b>ÁFRICA SUBSAARIANA</b>		<b>ÁRTICO &amp; ANTÁRTICA</b>	
Planejamento energético de Gana: modelo para os emergentes? .....	8	Antártica, China e o coronavírus: como o país avança em direção ao continente austral em tempos de crise .....	
As transformações no setor portuário de Angola .....	8	14	
<b>EUROPA</b>		<b>TEMAS ESPECIAIS</b>	
As consequências do Brexit para a Irlanda do Norte .....	9	Recuo da globalização das cadeias de produção internacionais .....	
Investimentos chineses na Grécia: o caso do porto de Pireus.....	10	15	
<b>RÚSSIA &amp; Ex-URSS</b>		Artigos Selecionados & Notícias de Defesa..... 16	
Os desafios da integração entre Geórgia e União Europeia.....	10	Calendário Geocorrente..... 16	
<b>LESTE ASIÁTICO</b>		Referências..... 17	
Política Externa e Defesa nas Duas Sessões da China de 2021.....	11	Mapa de Riscos..... 18	

## PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

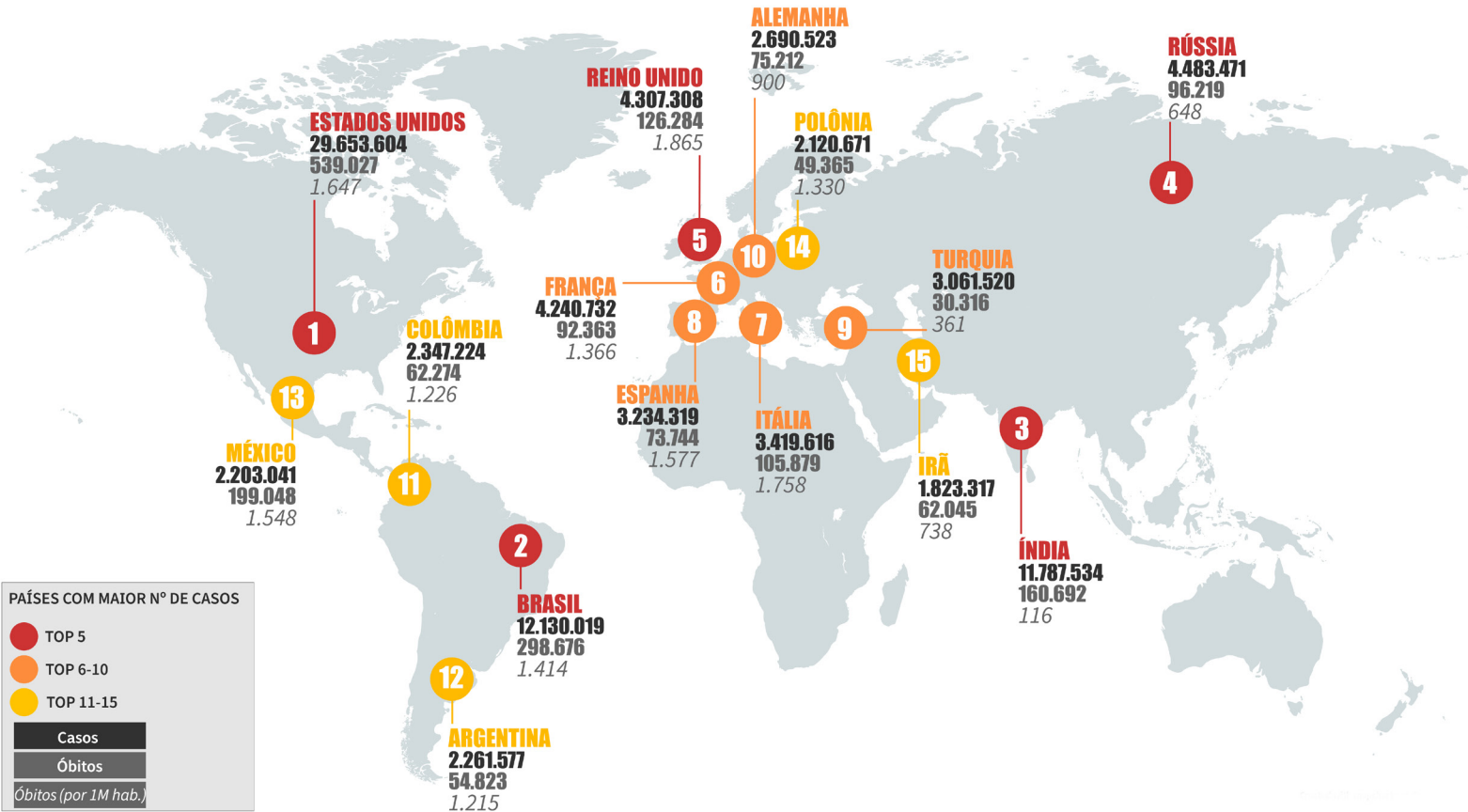
Desconsiderando a pandemia de COVID-19



Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 18.

# PRINCIPAIS PAÍSES AFETADOS PELA COVID-19

Dados segundo o "WHO COVID-19 Dashboard", publicado no dia 25 de março de 2021.



## ACOMPANHAMENTO DAS VACINAS

PANDEMIA DA COVID-19				
Vacinação pelo mundo				
País	Doses aplicadas* (milhões)	Doses aplicadas (por 100 pessoas)	População vacinada (%)	Vacinas
Estados Unidos	130,47 (1°)	39	26 (6°)	Johnson&Johnson Moderna Pfizer/BioNTech
China**	82,85 (2°)	5,9	-	Sinopharm/Beijing Sinopharm/Wuhan Sinovac
Índia	53,15 (3°)	3,9	3,3 (59°)	Covaxin Oxford/AstraZeneca
Reino Unido	31,19 (4°)	47	43 (3°)	Oxford/AstraZeneca Pfizer/BioNTech
Brasil	15,94 (5°)	7,6	5,8 (51°)	Oxford/AstraZeneca Sinovac
Turquia	13,97 (6°)	17	9,9 (29°)	Sinovac
Alemanha	11,45 (7°)	14	9,6 (36°)	Moderna Oxford/AstraZeneca Pfizer/BioNTech
Rússia	10,60 (8°)	7,3	4,4 (56°)	EpiVacCorona Sputnik V
Israel	9,86 (9°)	111	59 (2°)	Moderna Pfizer/BioNTech
Indonésia	9,33 (10°)	3,5	2,4 (65°)	Sinovac

\*É contado como uma dose única e pode não ser igual ao número total de pessoas vacinadas, dependendo do regime de dose específico (por exemplo, as pessoas recebem doses múltiplas).  
\*\*O país não forneceu dados sobre o número de pessoas que foram parcialmente ou totalmente vacinadas.

Fontes: Organização Mundial da Saúde; The New York Times

A Colômbia e os novos rumos de sua indústria e poder navais

Ana Laura Monsores e Bruna Soares Corrêa

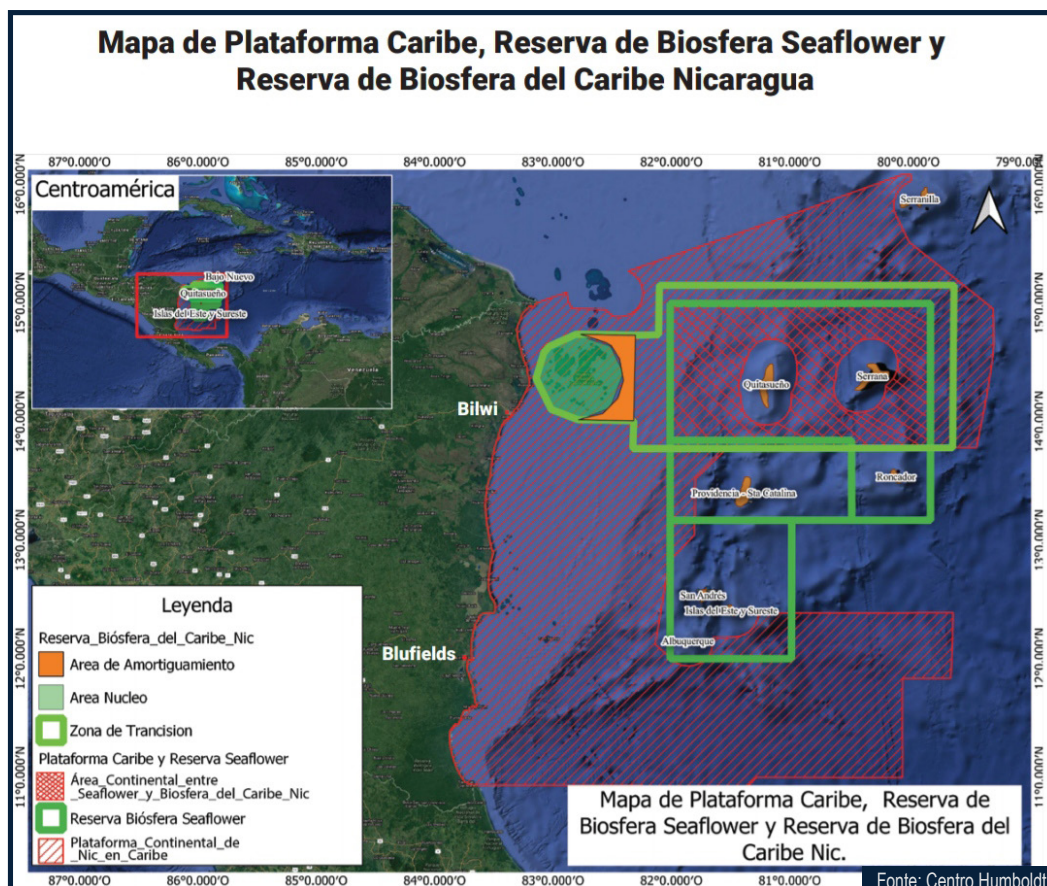
O poder naval é um fator relevante nas disputas de controle marítimo em zonas de interesse internacional. O retorno das discussões marítimas envolvendo Colômbia e Nicarágua, por causa da criação da Reserva da Biosfera nicaraguense, se dá num momento de perspectivas de crescimento e investimentos da indústria naval colombiana. Há décadas, os dois países disputam a delimitação marítima e posse de um conjunto de ilhas no Mar do Caribe, dentre elas: San Andrés e Providencia, que permaneceram sob a posse da Colômbia na última sentença da Corte Internacional de Justiça (CIJ), em 2012. A região é estratégica devido aos recursos minerais e proximidade ao Canal do Panamá. Cabe analisar como a Colômbia tem respondido à necessidade de aumento de seu poder naval e vigilância no Mar do Caribe.

Em janeiro de 2021, a Assembleia Nacional da Nicarágua criou a Reserva de Biosfera do Caribe para proteção ambiental, que define uma vasta área marítima que converge com o espaço marítimo colombiano em disputa, além de estar fora dos padrões e procedimentos internacionais regulamentados pela UNESCO. Em resposta às investidas da Nicarágua, as Forças Armadas colombianas promoveram exercícios aeronavais com emprego de aeronaves, fragatas da classe leve e um navio com tropas para desembarque anfíbio nas águas

do Arquipélago de San Andrés, Providencia e Santa Catalina. O Ministério da Defesa da Colômbia afirmou que o objetivo das manobras é defender sua soberania sobre a região.

A desaceleração econômica global de 2020 agravou o desemprego, fruto de uma maior exposição aos choques de preços nas exportações colombianas, baseada majoritariamente em *commodities*. Entretanto, o Banco Mundial prevê que o país estará entre os líderes da recuperação econômica regional devido à concentração dos investimentos nacionais na indústria naval. O aumento dos esforços no setor é explicado pela posição bioceânica da Colômbia e proximidade com o Canal do Panamá, fatores que possibilitam o incremento de vínculos comerciais e atração de investimento estrangeiro. A criação do programa estatal "Proastilleros" se destaca na promoção da construção naval nos setores comercial e militar.

Como se vê, a Colômbia tem respondido às demandas securitárias da região com patrulhamento e realização de exercícios militares no Mar do Caribe, além de fornecer apoio necessário ao fomento da indústria naval. A importância dada à pauta do poder naval na agenda político-estratégica da Colômbia se apresenta como um fator positivo para a proeminência do país no Caribe.



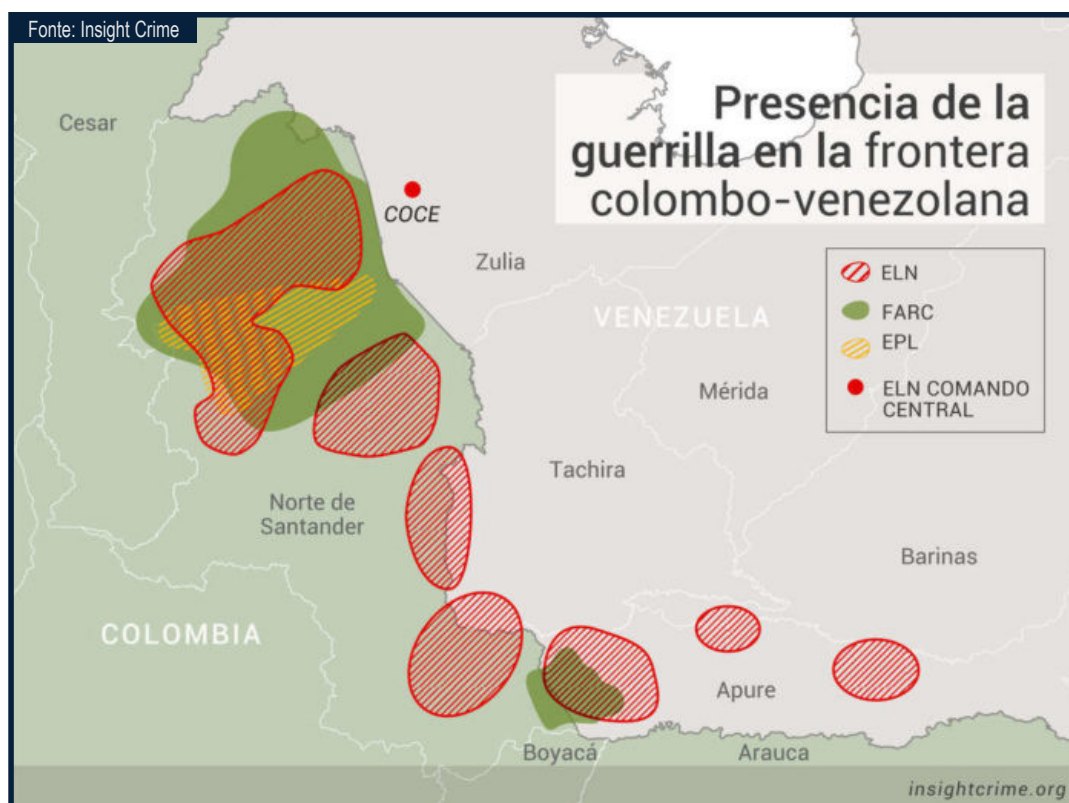
A crise estrutural venezuelana rearticulou as dinâmicas migratórias na América do Sul, representando uma variável desestabilizadora do cenário político regional. Nesse sentido, destaca-se uma confluência de crises de caráter humanitário, social e político-econômico, intensificadas pelos desdobramentos da pandemia. Mencionam-se as quedas abruptas dos PIBs regionais, desmantelamento de redes de empregos formais, falência generalizada do comércio e indústria, estrangulamento dos sistemas de saúde, bem como aumento das taxas de criminalidade. Tal realidade é capaz de ressaltar conflitos sociopolíticos latentes ou já bastante desenvolvidos ao longo do continente sul-americano. Diante desse cenário, é importante destacar qual a conjuntura atual dessa crise, tendo em vista eventuais saídas conjuntas em âmbito regional.

Relatórios das Nações Unidas apontam a existência de 4,7 milhões de venezuelanos em situação de refúgio ou migração em outros países sul-americanos. O impacto de um intenso deslocamento de pessoas se materializa em um acirramento das políticas migratórias, intensificação da xenofobia em âmbito social, bem como a precarização das condições de trabalho, moradia, renda e inserção social. Os mais de dois mil quilômetros que compõem a fronteira Venezuela-Colômbia são palco de confrontos entre guerrilhas rivais, facções armadas em busca de um poder hegemônico em escala regional, bem como

o escalamento de tensões entre as Forças Armadas de ambos os Estados.

Ao longo de um espaço fronteiriço repleto de plantações de coca, travessias migratórias irregulares, crime organizado, tráfico de drogas, armas e pessoas, pobreza e corrupção, a competição entre os grupos criminosos se aguça, enfraquecendo assim tentativas políticas de diálogo. Nessa perspectiva, a crise venezuelana desdobra-se no enfraquecimento dos laços entre os países vizinhos, favorecendo o fechamento de fronteiras, realização de exercícios militares intimidadores, bem como a dificuldade no estabelecimento de espaços de comunicação efetivos em torno ao tema da migração regional.

A crise estrutural venezuelana afeta diretamente as relações bilaterais com seu vizinho, considerando o posicionamento assertivo do presidente colombiano, Iván Duque, favorável à destituição de Nicolás Maduro. Conclusivamente, a ausência de canais de comunicação e confiança entre ambas as partes viabiliza riscos em torno ao desenvolvimento de uma crise interestatal mais devastadora. Em face a essa perspectiva, a saída para a crise deve ser construída em torno a diálogos concretos, cuja centralidade é a recuperação da fronteira pelo Estado. Tal esforço conjunto atravessa questões como um mecanismo de resolução capaz de dismantlar redes de atividades ilícitas e, portanto, o poder de grupos armados.



## Relações entre Estados Unidos e Cuba: uma nova perspectiva?

Rafael Esteves

Após sua independência em 1898, Cuba desenvolveu uma relação conturbada com os Estados Unidos. O país é uma ilha localizada na entrada norte do Mar do Caribe e próxima ao Golfo do México, além da capital Havana estar a 367 km de Miami. As limitações geográficas, pela proximidade com os EUA e pelo fácil isolamento, e econômicas, como a dependência da agroexportação, levaram o país a buscar um protetor para apoiá-lo em seu desenvolvimento e segurança. Tendo isso em vista, como a geopolítica influencia os desafios da gestão Joe Biden para a relação com Cuba?

O interesse estadunidense na ilha se dá pela sua localização, dando fácil acesso ao Golfo do México, que concentra grandes reservas petrolíferas e o porto mais movimentado da região, o de Veracruz. No século XIX, os EUA apoiaram Cuba em sua guerra de independência, revertendo a ajuda em uma ocupação militar que perdurou até 1902. Mesmo com a retirada das tropas, os EUA mantiveram uma forte influência na política interna do país, até a ascensão dos Castros em 1959.

Da Guerra Fria à atualidade, os EUA aplicam embargos econômicos contra Cuba para enfraquecer o regime. O novo presidente dos EUA, Joe Biden, deve enfrentar duas grandes questões na relação com a ilha. A primeira delas é a próxima relação do governo

cubano com o de Maduro na Venezuela, que passa por uma crise estrutural. Vale ressaltar que a aproximação cubano-venezuelana se dá pela proximidade política e ideológica dos regimes e pela necessidade de Cuba buscar o apoio internacional para manter-se.

A outra questão enfrentada por Biden se dá pelo contexto internacional de uma rivalidade dos EUA e China. A região é uma importante passagem do comércio internacional até o Canal do Panamá, além da ilha se encontrar próxima dos EUA, sendo importante Washington considerar uma maior aproximação com Havana para afastar a crescente influência chinesa na região. Destaca-se que a China é um importante parceiro político e econômico da ilha, com investimentos na área de energia alternativa.

Como demonstrado, o contexto geopolítico definiu as relações dos EUA com Cuba, que foi obrigada a buscar apoio internacional, o que se mantém na atualidade. As tentativas de plena independência são constantemente frustradas por Washington, que mantém uma política agressiva. Embora persista a rivalidade entre os dois países, é importante para a nova administração estadunidense mudar as medidas adotadas para enfraquecer qualquer influência estrangeira na região.



## Planejamento energético de Gana: modelo para os emergentes?

Bruno Gonçalves

A energia é fonte primária para o desenvolvimento econômico e social de um Estado. O século XXI vem sendo marcado por transformações nesse setor, devido aos desafios postos pela conjuntura ambiental, de infraestrutura e de mercado. Gana está à frente de outros países emergentes por estruturar sua política energética na elaboração em pequena escala, aproveitamento de infraestrutura prévia e em soluções sustentáveis e diversificadas. Nesse sentido, de que maneira o país pode ser um exemplo para a segurança energética e o desenvolvimento sustentável de países emergentes?

Segundo a Agência Internacional de Energia (IEA, sigla em inglês), Gana é um dos países mais eletrificados da África Subsaariana, com 85% da população com acesso à energia elétrica. No entanto, os ganenses sofrem com fornecimento não confiável devido à dependência excessiva de hidroeletricidade. Essa subordinação fez com que o país passasse por uma longa crise de abastecimento durante os anos de 2012 e 2015.

Em um movimento voltado à ampliação da matriz energética nacional, o governo de Gana, por meio da estatal *Bui Power Authority* (BPA), lançou, no final de 2020, uma fazenda solar conectada à hidrelétrica de Bui, que compensará a diferença de geração elétrica quando o nível do reservatório não suportar a demanda. A primeira usina híbrida solar-hidrelétrica do mundo, que poderá

chegar a quase 30% de participação na demanda total de energia elétrica do país, contribuirá para amenizar a instabilidade do abastecimento, tendo em vista um cenário de imprevisibilidade de acesso à água que aumentará com as mudanças climáticas.

Ademais, está previsto para até abril de 2021 o comissionamento de um terminal flutuante de importação de gás natural liquefeito (GNL), na cidade de Tema, que tem potencial para suprir 33% do gás natural demandado pelo país. Além de poder transformar Gana em um centro gasífero no Golfo da Guiné, o primeiro terminal do tipo na África Subsaariana fornecerá combustível menos poluente do que o petróleo. Sendo assim, o projeto será capaz de garantir abastecimento anual às indústrias de mineração, cerâmica e energia, servindo como oferta adicional à produção local de gás e ao gasoduto da África Ocidental, projeto que ligará a Nigéria ao Marrocos.

Fica evidente, portanto, que as políticas de planejamento energético de Gana, pautadas em um sistema menor, flexível, acessível, sustentável e diversificado em termos de fontes geradoras, podem ser um modelo a ser seguido. Ademais, a segurança energética conciliada com o desenvolvimento econômico e social poderá impactar positivamente na segurança do Golfo da Guiné, que sofre com constantes ataques piratas.

DOI 10.21544/2446-7014.n135.p08.

## As transformações no setor portuário de Angola

Isadora Jacques

Angola é um Estado rico em recursos minerais, sendo a exportação do petróleo responsável por mais de 50% de seu PIB, destacam-se também suas reservas de diamantes, cobre, manganês e fosfato. Neste sentido, pode-se inferir que uma boa infraestrutura portuária é necessária para garantir a eficiência da exportação dessas *commodities*. No início de março de 2021, a expoente do setor de portos, *DP World*, com sede em Dubai, iniciou suas atividades no terminal multiuso privado no Porto de Luanda, localizado na capital angolana, após receber uma concessão de 20 anos em janeiro de 2021. Quais transformações no setor podemos esperar a partir deste acordo?

O Porto de Luanda está localizado na baía de Luanda, que está separada do Oceano Atlântico pela ilha de Luanda, e juntamente aos portos do Lobito, Moçâmedes,

Soyo e Cabinda — localizados nas províncias angolanas de Benguela, Namibe, Zaire e Cabinda, respectivamente — formam os maiores complexos portuários do país. Segundo os relatórios do porto luandense, sua produção de janeiro a julho de 2020 foi 14% inferior em comparação a do ano de 2019, resultado da queda do preço do petróleo agravada pela crise da COVID-19, esta que, ao longo de 2020, ocasionou uma queda estimada em 6,5% no PIB angolano.

Assim como as gigantes China e Índia, os Emirados Árabes Unidos se destacam como os principais parceiros de exportação angolanos. O investimento de US\$ 190 milhões por parte da *DP World* promete alavancar a capacidade do Porto de Luanda e torná-lo competitivo, para além de sua localização estratégica, na região da África Central, em função das rotas marítimas de »



exportação já existentes. Serão adquiridos para esse projeto 30 caminhões, cinco *reach stackers*, e quatro empilhadeiras, além de guindastes destinados à cargas pesadas, tecnologia pioneira nos portos do país. Tais aplicações, portanto, aumentariam a capacidade do porto para 700.000 contêineres por ano.

Aponta-se, então, que os investimentos realizados pela empresa árabe, que opera também em Moçambique,

Egito e outros países africanos, colocam Angola em um patamar ainda mais relevante em relação à exportação de insumos minerais através do setor marítimo. Além disso, a presença dos Emirados Árabes como parceiro comercial tende a crescer na região, obtendo significativas vantagens comerciais e tecnológicas, principalmente após o período da crise econômica e da baixa dos preços do petróleo.



Gráfico 1: Produtividade geral do Porto de Luanda e comparação com período homólogo. Fonte: Direcção Comercial e Gestão das Concessões do Porto de Luanda.

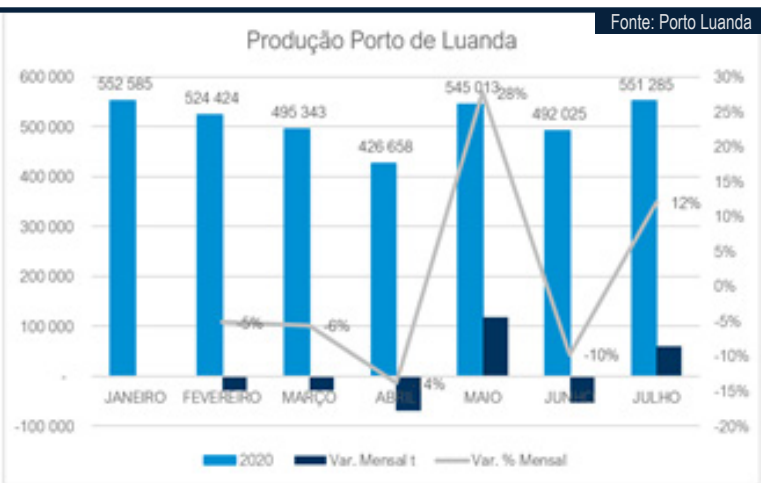


Gráfico 2: Produtividade Geral do Porto de Luanda e comparação mensal. Fonte: Direcção Comercial e Gestão das Concessões do Porto de Luanda.

DOI 10.21544/2446-7014.n135.p08-09.

## EUROPA

### As consequências do Brexit para a Irlanda do Norte

Marina Autran

O Acordo de Belfast foi um importante tratado de paz, responsável por acabar com décadas de conflitos entre católicos nacionalistas, defensores da união com a Irlanda, e protestantes unionistas, apoiadores da manutenção da Irlanda do Norte no Reino Unido. Nos meados da comemoração de 23 anos do acordo, os impasses em relação ao *Northern Ireland Protocol* trouxeram incertezas para o período de paz. Questiona-se, assim, como disputas comerciais internacionais estão contribuindo para a desestabilização da Irlanda do Norte.

O *Northern Ireland Protocol* faz parte das negociações do *Brexit* e teve como objetivo principal evitar o endurecimento das fronteiras entre Irlanda do Norte e Irlanda para não ferir o Acordo de Belfast. Por isso, o compromisso mantém o país como parte do mercado único da União Europeia (UE), criando uma fronteira para o comércio dentro do próprio Reino Unido. Atualmente, o protocolo é o principal motivo de desgaste das relações entre os britânicos e a UE. Em janeiro de 2021, o bloco ameaçou invocar o Artigo 16 do Protocolo, que permite a suspensão do acordo em caso de dificuldades econômicas, sociais e ambientais, por conta da disputa por vacinas com o Reino Unido. Já em março, houve desentendimentos relacionados à extensão unilateral feita pelos britânicos do período de carência

para implementar as regras de exportação e importação estabelecidas pelo acordo.

Os impasses entre os dois atores internacionais afetam a situação política e econômica da ilha. Os nacionalistas defendem maiores negociações do Protocolo para evitar essas disputas. Entretanto, os unionistas se opuseram ao *Northern Ireland Protocol* desde sua ratificação, por efetivamente criar uma barreira entre o país e o resto do Reino Unido, e os impasses aumentaram suas insatisfações. Grupos paramilitares dos unionistas retiraram temporariamente o apoio ao Acordo de Belfast por conta de suas preocupações com o *Brexit*. Vale lembrar que esses grupos não fizeram parte das negociações do acordo, porém foram grandes apoiadores e desmobilizaram seus armamentos na época. As ameaças preocupam diversos países, inclusive os Estados Unidos, que pediram ao Reino Unido e à União Europeia que priorizassem as negociações e evitassem conflitos.

Conclui-se que as disputas entre Reino Unido e UE estão deteriorando a situação política na Irlanda do Norte. O Acordo de Belfast é um marco essencial para a manutenção da paz e está sendo ameaçado com as disputas comerciais. A continuidade dos impasses vai contribuir para a instabilidade e pode retomar disputas antigas a longo prazo.

DOI 10.21544/2446-7014.n135.p09.

A Grécia entrou em uma crise econômica profunda em 2008, ainda não superada, mas cuja tentativa de retomada contou com novos parceiros internacionais. Os leves sinais de recuperação a partir de 2017 foram prejudicados pela pandemia da COVID-19, levando a uma queda de 8,2% do PIB em 2020, um dos piores resultados da União Europeia. Sua fragilidade econômica faz com que a Grécia necessite de capital produtivo estrangeiro, principalmente de médio e longo prazo. Ainda que os maiores investimentos estrangeiros diretos venham de países europeus, desde a crise grega, a China tem ganhado espaço rapidamente. Cabe então observar quais são os interesses dos dois países com essa aproximação.

A compra de parte do porto de Pireus pela *China Ocean Shipping Company* (COSCO) em 2009 direcionou os holofotes para a incipiente relação sino-grega. O porto, que, na Era Clássica, cumpriu um papel central na estratégia marítima da cidade-estado de Atenas, havia se tornado um ativo improdutivo do Estado grego moderno. Mas a administração e os investimentos chineses fizeram a diferença, aumentando rapidamente sua produtividade e capacidade. Em 2016, a COSCO deu mais um passo e adquiriu o controle acionário do porto. Como resultado, o porto saiu de décimo sétimo, em 2007, para quarto maior

porto da Europa em movimentação de carga em 2020, e o maior do Mediterrâneo.

Embora exista na Grécia um debate sobre uma assimetria nas relações com a China, tudo indica que tais relações vão aumentar, com novos investimentos chineses também no setor energético e de telecomunicações. Essa previsão está alinhada com a declaração do Ministro do Desenvolvimento da Grécia, Adonis Georgiadis, cedida à estatal chinesa de notícias Xinhua no início de março. Nela, o ministro estimulou o aprofundamento das relações comerciais com a China no pós-pandemia, citando o porto de Pireus como um exemplo do sucesso dessas relações até então.

Para a China, Pireus é parte da já famosa *Belt and Road Initiative*, que, além de dar à China o controle da infraestrutura de países estrangeiros, aumenta sua influência política nesses locais. Consequentemente, o governo de Atenas tem evitado ações que possam desagradar a Pequim: em 2016, por exemplo, a Grécia insistiu em suavizar um pronunciamento conjunto da União Europeia que criticava as ações chinesas no Mar do Sul da China. Para os gregos, o mais importante é garantir que os investimentos chineses continuem.

DOI 10.21544/2446-7014.n135.p10.

## RÚSSIA E EX-URSS

### Os desafios da integração entre Geórgia e União Europeia

Luiza Guitarrari e José Gabriel Melo

A atual polarização social e política na Geórgia tem incitado no país ao sul do Cáucaso o debate sobre agenda democrática e o papel estratégico desempenhado por atores externos. Nesse sentido, nota-se que a estabilidade regional é fomentada pelo equilíbrio de poder entre potências locais, bem como a participação de atores externos, no caso georgiano, com a atuação ativa da União Europeia (UE) e Estados Unidos (EUA). Estes vislumbram no país costeiro ao Mar Negro não somente um ponto de apoio militar, mas também um potencial *hub* marítimo situado na Eurásia. Desse modo, vide a atual conjuntura nacional, indaga-se quais os interesses do Ocidente diante da criação de um novo complexo portuário georgiano.

O imbróglcio político, motivado pela prisão de Nika Melia, líder do Movimento Nacional Unido, principal partido de oposição, culminou em protestos na capital, Tbilisi, no dia 23 de fevereiro. A detenção foi criticada pela UE e pelos EUA, que enxergam no ex-país soviético um modelo de transição democrática. Assim, em 16 de março, durante a sexta reunião do Conselho

da Associação entre UE-Geórgia, Bruxelas recomendou a proposição de um acordo com a oposição, de modo a reduzir a tensão política na região. Além disso, sendo o bloco um importante parceiro comercial da Geórgia, destacou-se a necessidade da delineação de um plano visando ampliar a interconectividade do Mar Negro.

Paralelamente, no início do mês, o primeiro-ministro georgiano, Irakli Garibashvili, anunciou a busca por investidores para o consórcio internacional responsável pela construção do Porto de Anaklia. O projeto almeja ser o principal ponto de escoamento da produção proveniente da Ásia Central e da China para a Europa, e prevê a operação de até 10 mil TEUs, pois permitirá a atracação de navios — com calado de até 16 m —, contribuindo com o objetivo de transformar o país no *hub* que almeja. O futuro porto de águas profundas será fundamental para a economia do país, pois ampliará não somente seu potencial econômico, como também de seu entorno.

Assim, a cooperação no setor marítimo, aliada ao desenvolvimento portuário, fomentará o potencial de >>>

trânsito georgiano, evidenciando-o enquanto ponto de interconectividade marítima e comercial, sendo região de interesse pelo Ocidente. Portanto, apesar da instabilidade atual e das ressalvas quanto ao processo democrático georgiano, a UE permanece engajada com a Geórgia,

dada sua posição estratégica na manutenção de interesses geopolíticos. Desse modo, mantendo avivado o objetivo de Tbilisi em pleitear uma vaga no bloco europeu em 2024.



DOI 10.21544/2446-7014.n135.p10-11.

## LESTE ASIÁTICO

### Política Externa e Defesa nas Duas Sessões da China de 2021

Filipe Porto

Em março de 2021, ocorreram as "Duas Sessões", reuniões políticas legislativas mais importantes da China. Elas reúnem o Congresso Nacional do Povo (NPC, sigla em inglês) e o seu principal órgão consultivo político, a Conferência Consultiva Política do Povo Chinês (CCPPC). Ambas servem como uma janela valiosa para a política chinesa, revelando as prioridades da direção política geral de Pequim para os anos futuros. Considerando a importância desses eventos, o que é possível extrair sobre medidas futuras a serem tomadas pela China em política externa e defesa?

Percebe-se que a China continuará priorizando o 14º Plano Quinquenal e suas áreas consideradas fulcrais para alcançar o crescimento sustentável e liderar em inovação. Em termos de política externa, Pequim espera que o presidente Joe Biden busque laços mais cordiais do que seu antecessor, Donald Trump, mas não em diferente sentido; a liderança chinesa demonstra-se, portanto, preparada para que pleitos estadunidenses, como questões de direitos humanos, o tratamento de uigures e tensões políticas em Hong Kong continuem

contenciosos.

A expectativa em política externa reflete na defesa do país. Cabe notar que o orçamento é examinado e aprovado pelo NPC anualmente, e apesar do impacto da COVID-19, o orçamento de defesa chinês para 2021 aumentará 6,8% comparado a 2020. A atenção para defesa é necessária por conta dos desafios que a China enfrenta: envio recorrente de navios e aviões de guerra dos Estados Unidos para exercícios em regiões próximas ao litoral chinês; o potencial de Taiwan como comprador de armamentos e sistemas de defesa estadunidenses; além do conflito histórico entre Índia e China na região fronteira, que resultou em mortes de ambos os lados, em 2020.

Além disso, espera-se que, sob administração Biden, os EUA adotem estratégia de aproximação com os aliados regionais tradicionais que compartilham interesses em questões como o Mar do Sul da China, o Estreito de Taiwan e as Ilhas Diaoyu/Senkaku, o que ressalta a continuidade desses problemas como pontos críticos de segurança marítima para a China. Isso exigiria >>>

o comissionamento de mais armamentos e equipamentos novos, que precisam de financiamento.

Explica-se, portanto, a necessidade de nota sobre as sessões, que tomam como imperativa a exigência de que o Exército de Libertação do Povo (PLA, sigla em inglês)

aumente seu poder e capacidade de combate abrangente através de mais investimentos e planejamento, de forma a atender às necessidades de defesa e política externa da China.

DOI 10.21544/2446-7014.n135.p11-12.

## O que falta para a Marinha da China ser capaz de projetar poder globalmente?

Rodrigo Abreu

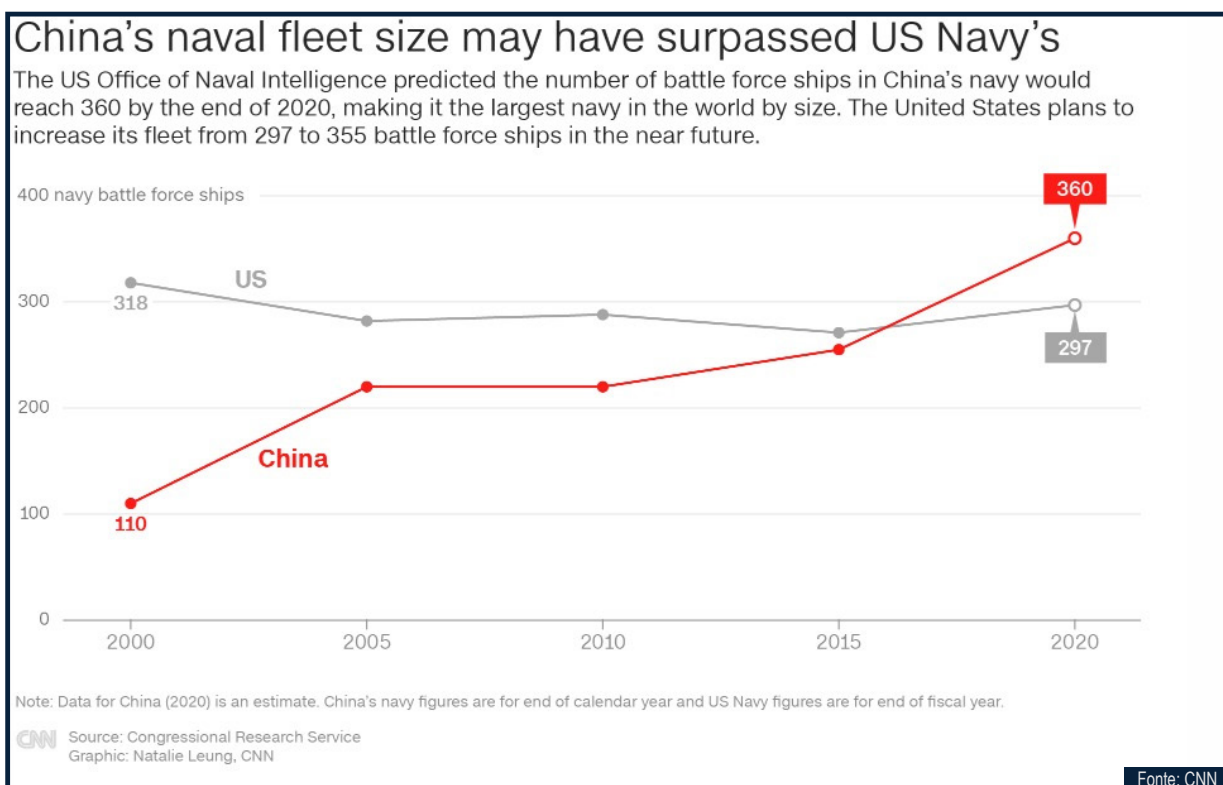
Impulsionada pela maior indústria de construção naval do mundo, a Marinha do Exército de Libertação Popular (PLAN, sigla em inglês) vem comissionando uma média de 15 navios por ano desde 2013. No início de setembro de 2020, o Departamento de Defesa dos EUA emitiu um relatório reconhecendo que a PLAN havia superado a Marinha dos Estados Unidos (USN, em inglês) em número total de navios. Entretanto, quando se trata de tonelagem e capacidade de projeção de poder, a PLAN ainda se encontra muito atrás da USN. Assim, questiona-se a capacidade de projeção de poder sobre terra da Marinha da China *vis-à-vis* à Marinha dos EUA.

Embora a China tenha comissionado, recentemente, o segundo contratorpedeiro da classe *Type 055*, considerado um dos mais poderosos navios do mundo, a PLAN ainda possui uma disparidade qualitativa muito grande em relação à USN. A maior desproporção qualitativa está no programa de porta-aviões dos dois países. Enquanto a China possui 2 porta-aviões operacionais movidos a diesel e capazes de transportar cerca de 40 aeronaves, os Estados Unidos operam 11 porta-aviões com propulsão nuclear, possuindo maior autonomia e a capacidade de transportar até 90 aeronaves. Além disso, falta à China

uma logística naval mais robusta no exterior, uma vez que o país opera somente uma base naval no Djibouti, enquanto os EUA possuem uma rede de bases navais ao redor do mundo — inclusive no Leste Asiático.

A geografia também tem um papel importante na dificuldade da China em projetar poder. A costa do país é cercada de ilhas que podem ser utilizadas por potências inimigas para negar o acesso da China ao Oceano Pacífico. A própria estratégia marítima chinesa é pautada levando em conta as duas cadeias de ilhas e a China espera ser capaz de projetar poder fora delas até 2049.

Assim, embora Pequim seja capaz de exercer poder próximo a sua costa, no Mar do Sul da China, e de defender suas linhas de comunicação marítimas, os chineses precisarão contornar as dificuldades supracitadas para poder competir com a presença estadunidense em regiões estratégicas para o país, como o Pacífico Central e o Oceano Índico. Nesse sentido, a China pretende, até 2049, ser capaz de projetar poder globalmente. Assim, será necessário observar o andamento da indústria de construção naval chinesa, além de possíveis reações estadunidenses ao aumento do poder naval chinês.



DOI 10.21544/2446-7014.n135.p12.

## Nova zona militar indiana no Índico: base nas ilhas Agalega

Iasmin Gabriele Nascimento

Em 2015, durante uma visita do primeiro-ministro indiano, Narendra Modi, às Ilhas Maurício, foi assinado um acordo para atualizar as ligações marítimas e aéreas com as Ilhas Agalega, permitindo, assim, que a Índia pudesse estabelecer posições estratégicas no Oceano Índico — o que já vinha sendo discutido há anos. Fotos de satélite recentes evidenciaram a construção de uma base naval e uma base aérea nas ilhas. A partir disso, interessa saber: quais os desdobramentos que essa presença militar indiana teria para a dinâmica da região?

As Ilhas Agalega, que são territórios de Maurício, são um conjunto de duas pequenas ilhas, que somam 70 km<sup>2</sup>, e estão localizadas a 1.700 km de Diego Garcia — o posto avançado estratégico indiano seria parecido, ao menos em tese, com a base que os EUA e o Reino Unido possuem no território em questão. De acordo com o *think tank* australiano *Lowy Institute*, imagens aéreas mostram uma pista de 3.000 m que pode receber a aeronave de patrulha marítima P-8I da Marinha indiana. O projeto indiano envolve a construção de instalações de logística e comunicação, mas tem sido mantido em segredo pela Índia e pelas Ilhas Maurício. A partir disso,

é possível inferir que a nova base indiana é essencial para o monitoramento da parte sudoeste do Oceano Índico.

As Ilhas Maurício, assim como outros países da região, tem sido palco da grande disputa geopolítica entre China e Índia no Oceano Índico. Para a Índia, então, manter relações diplomáticas com eles é crucial. S. Jaishankar, ministro das Relações Exteriores indiano, ressaltou em comunicado à imprensa como a segurança de Maurício é associada à segurança da Índia. De acordo com o portal de notícias econômicas *Money Control*, a Índia assinou o CECPA — *Comprehensive Economic Co-operation and Partnership Agreement* com as Ilhas Maurício, a fim de oferecer preferência de acesso comercial aos produtos insulares.

A estratégia marítima da Índia para o Oceano Índico faz parte do projeto nacional de controle e influência sobre essa região. As Ilhas Maurício fazem parte do entorno estratégico indiano e a instalação de bases no país, projeta poder e contribui para Nova Delhi alcançar seus objetivos geopolíticos. Cabe acompanhar qual será a reação de Pequim.



**Austrália: programa de submarinos em risco?**

Thayná Fernandes

Em 2016, a Austrália anunciou a necessidade de renovação de sua frota de submarinos. Na época, três países disputaram o projeto e o modelo vencedor foi o da francesa *Naval Group*. No entanto, cinco anos depois, o que começou com um projeto de cerca de US\$ 35 bilhões, chega agora próximo a casa dos US\$ 75 bilhões e 17 meses de atraso do cronograma inicial, segundo as previsões, o primeiro submarino só será comissionado pela Marinha australiana na próxima década. Tais atrasos impactam nas relações diplomáticas entre os países, além de trazer especulações acerca de outros possíveis parceiros. Busca-se analisar aqui as problemáticas envolvidas no projeto para compreender os desafios futuros do país a partir de três aspectos: credibilidade do governo, política interna australiana e segurança regional.

No início de março foi acordado entre a *Naval Group* e Scott Morrison, primeiro-ministro australiano, que 60% do valor total do contrato deve ser gasto na Austrália para a construção dos submarinos. Ainda assim, especula-se que Morrison solicitou ao Departamento de Defesa buscar novas parcerias que possam servir como alternativa aos franceses. Entretanto, abandonar o projeto é ruim à credibilidade do governo, pois outras iniciativas em Defesa foram postergadas para dar prioridade aos submarinos, além de desacreditar as diversas declarações estatais de que tudo estaria ocorrendo conforme

planejado. Ademais, não há, no momento, outro parceiro declarado e a França já possui cinco anos de vantagem à frente da iniciativa.

Além das dificuldades do projeto em si, a instabilidade política também contribuiu aos atrasos: desde que as negociações começaram, a Austrália teve três primeiros-ministros, três ministros da Economia e cinco ministros da Defesa. Ainda, o debate também envolve a necessidade de nuclearização dos submarinos, já que o modelo Barracuda francês, nuclear, teve de ser adaptado ao convencional, a diesel, pois, desde a década de 1980, a Austrália baniou a utilização de energia nuclear. Contudo, os compromissos ambientais assumidos pelo governo, a obsolescência tecnológica convencional e a baixa taxa de indiscrição quando em operação, pressionam pela suspensão desta medida, ao menos parcialmente.

Embora Camberra esteja desenvolvendo o setor de Defesa, especialmente na área naval, e buscando diversificar parcerias para além das relações tradicionais (EUA e Reino Unido), com os constantes embates no Mar do Sul da China e o desgaste das relações com Pequim, é cada vez mais crucial à Austrália ter um firme posicionamento e planejamento adequados aos submarinos, principalmente com a proximidade do descomissionamento da atual classe *Collins*. O tempo é um fator crucial.

DOI 10.21544/2446-7014.n135.p14.

## ARTIGO &amp; ANTÁRTICA

**Antártica, China e o coronavírus: como o país avança em direção ao continente austral em tempos de crise**

Gabriele Hernandez

Enquanto a pandemia posterga novos desenvolvimentos geopolíticos na maior parte do mundo, a China desponta em projetos onde já se destacava, como é o caso da Antártica. Em seu novo plano quinquenal para 2021-2025, Pequim anunciou a construção de sua Rota da Seda Polar, empreitada que visa a criação de novas rotas de transporte explorando tanto o Ártico quanto a Antártica a fim de facilitar seu comércio internacional. A criação de uma rota comercial no Ártico não é novidade, porém a inserção da Antártica reforça os ambiciosos planos para a região austral e acende o questionamento: como a China pode suplantiar seus interesses antárticos em um mundo devastado pelo novo coronavírus?

A predileção chinesa pela Antártica se dá especialmente graças aos preciosos recursos vivos e minerais que o continente guarda, importantes para suprimir sua demanda interna, porém devido ao Tratado da Antártica e aos demais acordos de conservação, a exploração mineral no continente foi banida. A solução encontrada foi se valer dos dispositivos legais e brechas no Tratado para conseguir expandir sua influência na região. O caso mais significativo é a pesca de krill antártico, que faz com que o país vete periodicamente a criação de áreas de conservação marinhas e leve a uma disputa duradoura com outros Estados que reivindicam territórios antárticos, especialmente a Austrália. Tais >>

vetos servem como barganha institucional para garantir interesses chineses na região.

Com a crise do coronavírus, entretanto, a China conseguiu obter vantagem sob os demais Estados, uma vez que seus investimentos na região não sofreram com cortes orçamentários significativos e o país segue a construção de sua quinta estação antártica e um aeroporto permanente (só existem oito desse tipo no continente). Enquanto os demais países precisaram contingenciar a verba destinada ao programa graças aos esforços focados no combate à pandemia, uma empreitada como a Rota da Seda Polar está ainda mais distante. Ao incluir o

continente em mais um dispositivo institucional, o país garante novas políticas antárticas.

As práticas chinesas na Antártica não são diferentes daquelas realizadas por outros países, porém a ambição de Pequim no continente preocupa os demais Estados graças à sua vontade política, participação internacional, grande alocação de recursos e logística sofisticada, um desenvolvimento em direção à região que poucos possuem condições de aplicar. E todas as potências antárticas sabem que, nesse ritmo, a China terá uma imensa vantagem sobre o continente no futuro.

DOI 10.21544/2446-7014.n135.p14-15.

## TEMAS ESPECIAIS

### Recuo da globalização das cadeias de produção internacionais

Victor Gaspar Filho

No *trade-off* existente entre reduções de custos pela globalização de cadeias produtivas ou a busca de autonomia sobre a produção, Estados e empresas atualmente procuram reduzir o tempo de repostas a rupturas, mudanças de demanda ou incertezas. Durante a pandemia do coronavírus, foi observada a escassez de produtos essenciais dado o salto de demanda; e o modelo de produção *just-in-time* se revelou particularmente arriscado. A procura elevada por computadores pessoais sobrecarregou a indústria de semicondutores e hoje, até mesmo empresas automotivas estão comprometidas por essa carência. Como podemos esperar que as cadeias de suprimentos se adaptem no futuro próximo?

A maior demanda por chips na história ocorreu em 2020, com previsão de elevação de mais 8,4% em 2021. A produção internacional de semicondutores é concentrada em Taiwan, cuja parcela constitui 54% do total mundial. Líderes de produção eletrônica internacionais tentam junto a Taiwan garantir o fornecimento ininterrupto de chips para proteger a produção de eletrônicos. Esse gargalo, crítico para a Indústria 4.0, se revela como um impedimento para o progresso em segmentos como Inteligência Artificial, computação quântica, biotecnologia, exploração espacial, de fundos oceânicos ou polares.

Nos Estados Unidos, os esforços conduzidos pelo presidente Donald Trump foram expandidos pela administração Joe Biden. Ampliou-se o escopo

da securitização das cadeias de produção apenas de minerais para outros bens e serviços essenciais a ser definidos a partir de sua *Executive Order on America's Supply Chains*. O plano quinquenal chinês, por sua vez, considera o empreendimento de uma ciência e tecnologia autossuficientes e aprimoradas como um pilar estratégico do desenvolvimento nacional. Apesar de sua indústria de ponta significativa, a China carece de empresas que façam projetos ou confeccionem ferramentas para manufatura de chips.

Adotam-se esforços diplomáticos, comerciais e informacionais para engajar aliados e parceiros estratégicos de forma a fortalecer as cadeias de suprimentos. A pandemia acelerou um processo de adoção de postura preemptiva em pesquisa e desenvolvimento para contornar eventos como crises sanitárias, ataques cibernéticos, eventos climáticos extremos ou outras condições que venham a reduzir a capacidade de manufatura e disponibilidade de bens, produtos ou serviços críticos. Transformações também podem ocorrer no grau de sustentabilidade das cadeias produtivas ao mesmo tempo em que se tornam mais nacionalizadas. Não somente pela introdução do conceito de economia circular, reciclando produtos ao final de seu ciclo de vida, mas também porque a regionalização da produção pode reduzir a emissão de carbono do transporte de componentes.

DOI 10.21544/2446-7014.n135.p15.

- ▶ [China's Strategic Standpoint](#)  
GEOPOLITICAL FUTURES, George Friedman
- ▶ [The World Still Needs the UN](#)  
FOREIGN AFFAIRS, Suzanne Nossel
- ▶ [The Geo-economics and geopolitics of COVID-19: Implications for European Security](#)  
IISS, Bastian Giegerich e Fenella McGerty
- ▶ [The EastMed Gas and Philia Forums: Reimagining Cooperation in the Mediterranean](#)  
THE WASHINGTON INSTITUTE, Rauf Baker
- ▶ [Biden's China Reset Is Already on the Ropes](#)  
RAND, Derek Grossman
- ▶ [The U.S Military Forces in FY 2021: The Last Year of Growth?](#)  
CSIS, Mark F. Cancian
- ▶ [The UK's Integrated Review: Seeing Through a Glass Darkly](#)  
RUSI, Paul O'Neill
- ▶ [Clarity of Conviction but Harnessing Competition Is Key](#)  
CHATHAM HOUSE, Leslie Vinjamuri, Gareth Price e John Nilsson-Wright

## CALENDÁRIO GEOCORRENTE

### MARÇO

### ABRIL

- |  |   |
|--|---|
| <p><b>01-31</b> Mês de Exercícios militares da China (Mar do Sul da China)</p> <p><b>15</b> Início do Exercício Multinacional DEFENDER-Europe 21 (Balcãs e Mar Negro)</p> <p><b>19-29</b> Exercício Sea Shield-21 (Mar Negro)</p> <p><b>25-29</b> Reunião do Conselho Europeu (videoconferência)</p> <p><b>26</b> Reunião do MERCOSUL e celebração dos 30 anos do bloco (videoconferência)</p> <p><b>27</b> Último dia do Exercise Desert Flag VI (Emirados Árabes Unidos)</p> | <p><b>04</b> Eleições parlamentares na Bulgária</p> <p><b>05-08</b> 9ª Cúpula das Américas (videoconferência)</p> <p><b>09-11</b> Reunião do Banco Mundial e FMI (Washington, EUA)</p> <p><b>11</b> Eleições Gerais no Peru</p> <p><b>11</b> Eleições municipais e Convenção Constitucional no Chile</p> <p><b>11</b> Segundo turno das eleições presidenciais no Equador</p> <p><b>22</b> Conferência do Clima (videoconferência)</p> <p><b>27-28</b> Federal Reserve meeting (Estados Unidos)</p> |
|--|---|



## REFERÊNCIAS

- **A Colômbia e os novos rumos de sua indústria e poder navais**  
SAUMETH, Erich. [Colombia despliega fragatas y aviones de combate em ejercicios aeronavales em el Caribe](#). **Infodefensa**, Ilha de San Andrés, 15 mar. 2021. Acesso em: 20 mar. 2021.  
VARGAS, Soraya Caro. [Towards a new Indo-Colombian perspective in the shipbuilding sector](#). **Financial Express**, Noita, 02 mar. 2021. Acesso em: 20 mar. 2021.
  - **Crise estrutural venezuelana: desdobramentos fronteiriços e enfraquecimento diplomático**  
[Disorder on the Border: keeping the Peace between Colombia and Venezuela](#). **Crisis Group International**, Bruxelas, 14 dez. 2020. Acesso em: 05 mar. 2021.  
[Cambios en la dinámica criminal apuntan a un violento futuro en la frontera Colombia-Venezuela](#). **InSight Crime**, Medellín, 30 jan. 2018. Acesso em: 06 mar. 2021.
  - **Relações entre Estados Unidos e Cuba: uma nova perspectiva?**  
FEDIRKA, Allison. [Cuba Is on the Clock: The island is in dire need of a new patron](#). **Geopolitical Futures**, Austin, 15 fev. 2021. Acesso em: 05 mar. 2021.  
FRANK, Marc. [Chinese exports to Cuba hit lowest level in decade last year: data](#). **Reuters**, Nova Iorque, 27 jan. 2020. Acesso em: 18 mar. 2021.
  - **As transformações no setor portuário da Angola**  
MUCHIRA, Njiraini. [DP World Takes Over Operations at Angola's Port of Luanda](#). **The Maritime Executive**, Fort Lauderdale, 11 mar. 2021. Acesso em: 18 mar. 2021.  
EMPRESA PORTUÁRIA DE LUANDA. [Homepage - Porto de Luanda](#). Acesso em: 22 jan. 2021.
  - **Planejamento energético de Gana: modelo para os emergentes?**  
WHITEHOUSE, David. [Ghana's industrialisation to benefit from Tema LNG terminal](#). **The Africa Report**, Paris, 21 jan. 2021. Acesso em: 20 fev. 2021.  
OLANDER, Eric. [Ghana's China-backed green energy projects play it small and safe](#). **The Africa Report**, Paris, 18 dez. 2020. Acesso em: 20 fev. 2021.
  - **As consequências do Brexit para a Irlanda do Norte**  
FAULCONBRIDGE, Guy. ['Pandora's box' of Northern Ireland could be opened unless EU changes Brexit deal: loyalists warn](#). **Reuters**, Londres, 19 mar. 2021. Acesso em: 19 mar. 2021.  
CAMPBELL, John. [Brexit: EU says UK grace period extension breaches international law](#). **BBC**, Londres, 03 mar. 2021. Acesso em: 13 mar. 2021.
  - **Investimentos chineses na Grécia: o caso do porto de Pireus**  
[Interview: Greece eager to continue cooperation with China in post-pandemic era, says minister](#). **Xinhua**, Atenas, 03 mar. 2021. Acesso em: 19 mar. 2021.  
PSAROPOULOS, John. [Greece and China hail strategic partnership, as US and EU look on](#). **Al Jazeera**, Atenas, 11 nov. 2019. Acesso em: 19 mar. 2021.
  - **Os desafios da integração entre Georgia e União Europeia**  
COUNCIL OF THE EUROPEAN UNION. [Joint press release following the 6th Association council meeting between the European Union and Georgia](#). **General Secretariat of the Council**, Bruxelas, 16 mar. 2021. Acesso em: 17 mar. 2021.
  - **Política Externa e Defesa nas Duas Sessões da China de 2021**  
WEI, Fenghe. [Defense minister urges enhancing military capabilities](#). **The State Council of the People's Republic of China**, Pequim, 07 mar. 2021. Acesso em: 18 mar. 2021.  
MENG, Bin; LIANG, Jun. [Is China ramping up military spending?](#). **Xinhua**, Pequim, 08 mar. 2021. Acesso em: 18 mar. 2021.
  - **O que falta para a Marinha da China ser capaz de projetar poder globalmente?**  
XUANZUN, Liu. [China's 2nd Type 055 large destroyer enters naval service](#). **Global Times**, Pequim, 07 mar. 2021. Acesso em: 19 mar. 2021.  
LENDON, Brad. [China has built the world's largest navy. Now what's Beijing going to do with it?](#) **CNN**, Hong Kong, 06 mar. 2021. Acesso em: 19 mar. 2021.
  - **Nova zona militar indiana no Índico: base nas ilhas Agalega**  
BASHFIELD, Samuel. [Agalega: A glimpse of India's remote island military base](#). **The Lowy Institute**, Sydney, 02 mar. 2021. Acesso em: 19 mar. 2021.  
GURJAR, Sankalp. [How India is stepping up its outreach in the Indian Ocean](#). **Money Control**, Bombaim, 02 mar. 2021. Acesso em: 19 mar. 2021.
  - **Austrália: programa de submarinos em risco?**  
AUSTIN, Alan. [Government submarine contract sunk and unlikely to resurface](#). **Independent Australia**, Capri, 01 mar. 2021. Acesso em: 18 mar. 2021.  
HELLYER, Marcus. [What would it take for Australia to walk away from the French submarine deal?](#) **Australian Strategic Policy Institute**, Canberra, 26 fev. 2021. Acesso em: 18 mar. 2021.
  - **Antártica, China e o coronavírus: como o país avança em direção ao continente austral em tempos de crise**  
HOARE, Callum. [China sets sights on Antarctica grab as coronavirus fuels 'no diplomacy' in Southern Ocean](#). **Express UK**, Londres, 27 out. 2020. Acesso em: 06 nov. 2020.  
NAVARATNAM, Shri; STANWAY, David. [China pledges to build 'Polar Silk Road' over 2021-2025](#). **Reuters**, Xangai, 05 mar. 2021. Acesso em: 20 mar. 2021.
  - **Recuo da globalização das cadeias de produção internacionais**  
ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. [Executive Order on America's Supply Chains](#). **Gabinete da Presidência**, Washington, 24 fev. 2021. Acesso em: 19 mar. 2021.  
LESWING, Kif. [Why there's a chip shortage that's hurting everything from the PlayStation 5 to the Chevy Malibu](#). **CNBC**, Englewood Cliffs, 10 fev. 2021. Acesso em: 18 mar. 2021.
- Capa: [Will the India-China border conflict lead to a naval war?](#). ASPI Strategist.  
Por: ASPI Strategist.
- Os mapas iniciais (pág. 03 e 04) do Boletim foram produzidos pelo MapChart e seguem as diretrizes da Creative Commons.

O mapa intitulado “Principais Riscos Globais”, exposto na página 03 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência direta ou indireta na economia brasileira e impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Ademais, serão considerados os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Após a seleção dos fenômenos, estes são categorizados em alto risco (vermelho) ou médio risco (laranja), seguindo parâmetros que refletem a gravidade do risco: quantidade de vítimas, relevância dos atores envolvidos, impacto na economia global e possibilidade da escalada de tensões. Os países em cinza representam conflitos monitorados, caso tenha

agravamento do risco, este passa a ser vermelho ou laranja.

Devido ao aumento do número de casos (infectados, internados e mortos) relacionados à COVID-19, houve uma adaptação na análise do cenário. Dessa forma, elaborou-se um mapa à parte, com os países com maior número de infectados, e os países com maior número de infectados na África e na Oceania de acordo com o último relatório da OMS divulgado até a data deste boletim. Dessa forma, os países foram divididos em vermelho, laranja e amarelo de acordo com o número de casos totais.

As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados os principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

### ► ALTO RISCO:

- GOLFO DA GUINÉ — Insegurança marítima conjuntural: [Record Drug Seizure By The French Navy In The Gulf Of Guinea](#). Naval News, 22 mar. 2021. Acesso em: 23 mar. 2021.
- IÊMEN — Guerra civil e crise humanitária: ['Scores' of migrants burned to death from Houthi projectiles in Yemen: HRW](#). Al-Monitor, 16 mar. 2021. Acesso em: 23 mar. 2021.
- LÍBANO — Crise estrutural: [How things went from bad to unbearable in Lebanon](#). Gulf News, 22 mar. 2021. Acesso em: 23 mar. 2021.
- VENEZUELA — Crise estrutural: [Venezuela gas pipeline tract explodes; oil minister blames attack](#). Reuters, 21 mar. 2021. Acesso em: 23 mar. 2021.
- ETIÓPIA — Conflito entre governo e forças insurgentes: [Biden Eyes Former Top U.N. Official for Horn of Africa Envoy](#). Foreign Policy, 22 mar. 2021. Acesso em: 23 mar. 2021.
- MOÇAMBIQUE — Conflito entre governo e forças insurgentes: [Mozambique conflict: Why are US forces there?](#). BBC News, 21 mar. 2021. Acesso em: 23 mar. 2021.
- MYANMAR — Golpe militar: [Jokowi calls for meeting of ASEAN leaders on Myanmar crisis](#). Nikkei Asia, 19 mar. 2021. Acesso em: 23 mar. 2021.

### ► MÉDIO RISCO:

- AFEGANISTÃO — Insegurança regional: [US Defense secretary makes surprise visit to Afghanistan](#). DW, 22 mar. 2021. Acesso em: 23 mar. 2021.
- BELARUS — Crise política e tensões com o bloco europeu: [Lukashenka Holds Up Sanctioned Ex-Ministers As Possible Successors in Belarus](#). Radio Free Europe. 19 mar. 2021. Acesso em: 23 mar. 2021.
- LÍBIA — Escalada da guerra civil: [Al-Sarraj hands over power to new Presidential Council, Unity](#)

[Government](#). Lybia Observer, 16 mar, 2021. Acesso em: 23 mar. 2021.

• MAR DO SUL E DO LESTE DA CHINA, HONG KONG & TAIWAN — Expansão chinesa sobre as regiões: [Europe signals opposition against China's intimidation in South China Sea](#). Business Standart, 19 mar. 2021. Acesso em: 23 mar. 2021.

• MEDITERRÂNEO ORIENTAL — Tensões entre Grécia e Turquia e ocupação do Chipre: [Talks stall in Greece-Turkey maritime dispute](#). EURACTIV. 17 mar. 2021. Acesso em: 23 mar. 2021.

• SÍRIA — Tensões na região sul: [UN official: Airstrikes on Turkey-Syria border 'extremely worrying'](#). Times of Israel, 22 mar. 2021. Acesso em: 23 mar. 2021.

► MONITORAMENTO:

• FRONTEIRA SINO-INDIANA — Impasse na ALC: [Difficult for India to fall for US pressure over China](#). Global Times, 21 mar. 2021. Acesso em: 23 mar. 2021.

• GEÓRGIA — Protestos da oposição: [EU mediation in Georgia's political crisis tests Brussel's clout](#). Financial Times. 18 mar. 2021. Acesso em: 23 mar. 2021.

• HAITI — Crise institucional: [El gobierno haitiano declara el estado de emergencia para enfrentar a bandas criminales](#). RFI, 19 mar. 2021. Acesso em: 23 mar. 2021.

• PARAGUAI — Crise política: [La subida de casos de coronavirus en Paraguay precipita una crisis política](#). El País, 21 mar. 2021. Acesso em: 23 mar. 2021.

• SOMÁLIA — Instabilidade eleitoral: [Somalia's disputed polls is an important lesson in its democratic journey](#). The Africa Report, 22 mar. 2021. Acesso em: 23 mar. 2021.

• UCRÂNIA — Tensões transfronteiriças entre Rússia e Ucrânia: [While Zelenskyy Promises Peace, Ukraine's Army Faces Serious Challenges](#). Jamestown. 15 mar. 2021. Acesso em: 23 mar. 2021.

• FRONTEIRA ENTRE ARMÊNIA E AZERBAIJIÃO — Conflito armado na região de Nagorno-Karabakh: [Yerevan Eyes OSCE Role In Final Nagorno-Karabakh Settlement](#). Radio Free Europe, 16 mar. 2021. Acesso em: 23 mar. 2021.

• SENEGAL — Instabilidade política: [Senegal's Political Crisis](#). Foreign Policy, 17 mar. 2021. Acesso em: 23 mar. 2021.

• REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA — Conflito entre governo e forças insurgentes: [Families forced into a deadly spiral in Central African Republic](#). Aljazeera, 18 mar. 2021. Acesso em: 23 mar. 2021.

• BOLÍVIA — Crise politico-jurídica: [Militares: Tres amenazas acechan a las FFAA por la intromisión política](#). Página siete, 22 mar. 2021. Acesso em: 23 mar. 2021.

• TAILÂNDIA — Retomada de protestos contra a monarquia: [Thailand: Police disperse protesters calling for monarchy reform](#). Al Jazeera, 21 mar. 2021. Acesso em: 23 mar. 2021.

• NÍGER — Aumento da atividade terrorista na região: [Death toll from Niger attacks rises to at least 60 - mayor](#). Sowetan Live, 22 mar. 2021. Acesso em: 23 mar. 2021.